

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Callo 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Quinta-feira 29 de Julho de 1886

Diário da manhã—Anno VIII—Num. 2119

A PATRIA

é publicação diária e da manhã.—Sua pela typographia do seu nome

Tem colaboradores e numerosos correspondentes na campanha e Exterior

DIRETOR: JASSIO A. FARINHA

CONDICÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20
PARA FORA
Semestre . . . \$ 8.00
Anno . . . \$ 15.00
Número do dia . . . 0.10
atrasado . . . 0.20
ASSINATURA PARA O BRASIL
Semestre (moeda papel réis) . . . 198/00
Anno . . . 368/00

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim do Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retirada do correio. Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

AGENTES

NA

Campanha e Exterior

LOCALIDADES	NOME DOS AGENTES
Alegrete	Freitas Valle & Jacques.
Aracely	Antonio Macdonia.
Arroio Malo e Clara (Dep. Tacuarembó)	Francisco Formoso.
Artigas	Ismael Velazquez.
Aves-truz (Cerro Largo)	Martinez & Marin.
Batavia	João Pelet.
Berachí (Cerro Largo)	Zeferino Meneses.
Caraguatá (Tajuarí)	José B. Romero.
Candia (Província do Rio Grande do Sul)	Antonio Molinari.
Caniada Brava (Cerro Largo)	Manoel Ign. Machado.
Cerro Largo	Manoel Silveira.
Chuy (Rocha)	Leon Ventura.
Cerro de Pereira (Tajuarí)	Alcides Carreras.
Cordovaz (Durazno)	João Jorge da Silva.
Coronilla (Tacuarembó)	José Zavalla & Comp.
Coronilla	Sebastião Azevedo.
Corrales (Tacuarembó)	Segundo Soja.
Cuchilla da Palma (Tacuarembó)	José Maria Pinto Pereira.
Cuchilla do Grando	José Menino (casa de Pintos & Ca.).
Cuchilla de Piedra	José de Mello.
Pontas de Tajarumá Grande	João Jacintho Osorio.
Cuchilla Negra (Salto)	Luiz Mayer.
Fray Bentos (C. Largo)	José F. Varela & C.
Fraile Muerto (Cerro Largo)	Cordeiro Junior & F.
Iguazú	Cordeiro Junior & F.
Jaguarí	Cordeiro Junior & F.
Jaguarí (Dep. Rivera)	Cordeiro Junior & F.
Lisboa	Cordeiro Junior & F.
Maldonado	Cordeiro Junior & F.
Marmará (Minas)	Cordeiro Junior & F.
Mar de Caceres	Cordeiro Junior & F.
Palma Solá (Salto)	Cordeiro Junior & F.
Paris	Cordeiro Junior & F.
Pelotas	Cordeiro Junior & F.
Paysandú	Cordeiro Junior & F.
Pa. do Ramirez (D'Nez)	Cordeiro Junior & F.
Polevaco de Rio Negro	Cordeiro Junior & F.
Porto Alegre	Cordeiro Junior & F.
Queguay (Paysandú)	Cordeiro Junior & F.
Rio de Janeiro	Cordeiro Junior & F.
Rincón de la Uruana (Cerro Largo)	Cordeiro Junior & F.
Rosario Oriental	Cordeiro Junior & F.
Salto	Cordeiro Junior & F.
Sarandi (Campanha de C. Largo)	Cordeiro Junior & F.
Serralluna (Fronteira)	Cordeiro Junior & F.
S. José (R. O.)	Cordeiro Junior & F.
S. Vicente de Castillos	Cordeiro Junior & F.
S. Borja	Cordeiro Junior & F.
S. Ezequiel	Cordeiro Junior & F.
S. Fructuoso	Cordeiro Junior & F.
Tapiá (Salto)	Cordeiro Junior & F.
Tres Cruces (Tacuarembó)	Cordeiro Junior & F.
Triná e Tres	Cordeiro Junior & F.
Torero (Florida)	Cordeiro Junior & F.
Tupamalié (C. Largo)	Cordeiro Junior & F.
Uruguayana	Cordeiro Junior & F.
Vichadero (D. Rivera)	Cordeiro Junior & F.

FOLHETIM DA PATRIA

ODR. ANGELO PAROLI

POR

XAVIER DE MONTEN

PRIMEIRA PARTE

XXIII

modos me parecem estranhos. Não sei se me engano a respeito da filha legítima, acreditando que a sua magua é mais aparente do que real. . . Vejo nella uma creatura de coração secco, incapaz de gostar do outra coisa que não seja do si ou do dinheiro. Ella tinha pressa em tomar posse da fortuna, reaquidida pela pai, e nada mais. Pelo que respecta á segunda, a bastarda nutria a respeito do Jaymo Bernier um odio implacavel. . . ella não o occultava.

O chefe da segurança calou-se.

—O que pretende concluir dahi? perguntou o Sr. de Rodyl.

—Que a idea que ocorreu ao Sr. juiz formador da culpa (e que eu partilho), poderia ser boa. . . Quem sabe se uma das duas mulheres, impellido, quer pela cumpidez, quer pelo odio, não será cúmplice do assassino? . . .

—E' impossivel! exclamou Fernando do Rodyl.

—Impossivel! . . . repetiram os mes-

A PATRIA

MONTevideo 29 de JULHO de 1886

PROTESTO

Os directores, redactores e membros da imprensa que firmam este accordo, em nome da Constituição, das leis emanadas dos legitimos representantes do povo e em salvaguarda dos direitos individuais que invocam, protestam energica e virilmente, contra a nova ceneleção do Cod. Fund. nos termos seguintes, de igual modo ao do protesto que fizeram em Novembro do anno passado, sobre a prisão arbitrária de outros jornalistas.

1.º Que a applicação da lei commum na perseguição dos abusos da liberdade do escrever, constitua um attentado directo contra a lei da imprensa e contra o art. 141 da Constituição, que declara livre a manifestação do pensamento.

2.º Que o facto de aproveitar-se o governo do suas proprias faltas declarando que collocou os jornalistas presos entre os réos dos mais atrozes delictos, em consequência da falta de prisão da outra natureza, constitua um protesto inaceitavel, por quanto consta que mesmo in nocentes de delictos atrozes, como os tormentos applicados aos subditos italianos Volpi e Patroni, o governo quando quer os collocou em condições decentes e separados dos outros réos.

3.º Que por consequente, tanto o governo desviou-se das disposições legais, decretando a prisão immediata, por si ou por intermedio dos juizes, os quaes acatam como dogmas as notas dos ministros, como também desviou-se não separando, a título de pretendida igualdade, os réos dos encarceramentos commum com delinquentes que em todo o caso eram subditos detentados, accrescendo a infracção feita á Constituição, ao direito natural, como um verdadeiro ultraje.

Portanto, por tudo isso, protestamos á face do mundo, ante a Constituição, ante o povo, ante a consciência intima e ante a dignidade exterior desse mesmo governo, que serve de espectáculo aos novos vizinhos, irmãos da America e de humilhação, tanto como de tormento aos habitantes da Republica Oriental do Uruguay.

Montevideo, 25 de Junho de 1886.

Rapto de Perez Martinez — José Balle e Odonez — Francisco Durá — Emilio R. Ponce — Emilio Lecot — José Melillo — Juan G. Bach — Carlos Gard — Juan G. Bach — Casio A. Fariña — Renard Reginald — Francisco M. de São — José Acha — José de Freitas Cabral — Eduardo J. Fernandez — Garci Santos — Bernardino De Maria — Manuel R. Viera — Juan Flores — Luiz D. De Stefanis — Olimi — Sapi — Ramon Corderias — Pedro Bernat — Ventura Aguir — Roberto Savastano — Jacinto Albitur.

Sua Alteza Imperial

Completa hoje quarenta annos de existencia a herdeira presumptiva da coroa do Imperio do Brasil.

Virtuosa, caritativa, modesta e carinhosa a digna herdeira do throno da nossa adorada Patria tem em cada cida da brasileiro um admirador de suas altas qualidades—derivadas das que ornamentam o seu venerando progenitor—o magnanimo Dom Pedro II.

Houve um grande dia na vida publica da eminente senhora: D. Izabel inscrevendo seu nome nas autias paginas da Historia, assignou a lei immortal do 28 de Setembro de 1871.

Esse facto, por si só, constitua um raio de luz intensa desprendido do espirito purissimo da idolatrada princesa.

A Patria, representante humilde dos interesses e dignidade do Brasil, no estrangeiro, saudou com indizível jubillo a digna herdeira da coroa brasileira no dia de seu quadragésimo aniversario.

O Imperador do Brasil e Hector Varélla

As ultimas noticias recibidas e que terá o leitor visto na mala do Rio, já publicada, dão-nos a conhecer uma confissão que celebrou com o Imperador o talentoso escriptor publico Sr. Hector Varélla. S. M. galantemente convidou ao hospede argentino para que o visitasse no palacio do S. Christovão, dando assim vivo testemunho da sympathia pessoal por aquelle cavalheiro.

A esse respeito o País dá minuciosa noticia, que publicamos em um dos numeros passados, bem como outros organos occupam-se do mesmo facto com palavras de louvor para a Sr. Varélla pela distincção de que foi objecto.

O referido escriptor é sympathico ao Brasil, pois o nosso paiz lhe dava atenções marcadas, que jamais deve olvidar.

Um diário da provincia de Galiza, na Hespanha, cujo titulo não lembramos neste momento, em um artigo virulento atacou o nosso paiz, dedicando-lhe com preferéncia á agricultura, isto é, com o fim de afugentar a emigração que d'alli se dirigia para dedicar-se no Brasil áquella ramo commercial.

Logo que teve conhecimento da flagrantissima injustiça que se praticava, Hector Varélla tomou a pena e com o talento que todos lhe reconhecem, fez uma brilhante defesa; assignalada do modo realçante, quando o escriptor estava prompto para a levar á todos os terrenos que escolhesse o offensor.

O nosso representante diplomatico na Hespanha, residente em Madrid, Sr. Condeheiro Caetano Maria do Paiva Lopes Gama, tendo conhecimento do facto, dirigio ao conhecido escriptor uma carta do agradecimento pela defesa expontanea que fez da nossa patria offendida.

Este facto, tem sido geralmente apreciado no Rio de Janeiro e tem dado justo motivo para se Sr. Varélla osequiado e ter recebido verdadeiras homenagens do sympathia como merece; d'ahi provem a louvavel idea que surgiu a S. M. de convidar o escriptor á uma visita.

Depois da effectuada a visita o Sr. Varélla, que sahira penhorado pelo tratamento que lhe deu o Imperador, manifestou-se em varios circulos em termos honrosos para o nosso monarcha, bem como fundamentou suas ideas a respeito da impossibilidade uma guerra entre o nosso e o paiz dos argentinos.

Em carta que do Rio de Janeiro dirigio á nossa redacção o mesmo cavalheiro, diz assim, a respeito da indicada conferencia:

« Com a conversação com o Imperador « La ha conversacion una de las mas « grandes satisfacciones de mi vida, no « solo por las distinciones extraordinarias que me hizo al recibirme, sino « por las declaraciones, francas, leales, « y honradas que he oido sobre su política, ideas e intenciones, con relacion « á nuestros pueblos.

« Con el Imperador nunca tendremos « guerra: Viviremos en perfecta paz y « armonia, siendo asi su deseo mi « deseo; deseo que me ha manifestado en « terminos, y con un acento tan honrado, « que no pudieren menos que llenarme « de la mas intima alegría.

« Después de haberlo oido, tengo la « conciencia intima de que, los politicos « de aqui y allá podrán, cuando las cosas « venga, hablar de proximos rompimientos: « los: lo considero siempre como un « error, pues como a guardian de la paz « como es el Imperador, no hay motivo « res posibles para el porvenir.

O Sr. Varélla presta d'este modo um bom serviço á causa da tranquillidade americana, desvanecendo supposições bellicas que alimentam os intrigas, com um rompimento de relações entre ambos os paizes em discussão.

Mais vale assim.

O Sr. Varélla é esperado n'esta capital nestes oito ou dez dias do passageiro para Buenos Aires.

ECHOS DO BRASIL

« Camocim » e « Carloca »

Estas canhoneiras, que devem ser lançadas no mar no dia 31 do corrente pelas 2 horas da tarde, pouco mais ou menos, foram construidas conforme as indicações do programma apresentado pelo conselho naval para a reorganização do material flutuante da armada, o qual assim se exprime com referencia a esta classe de navios:

« Tipo F — Quatro canhoneiras espezias para o Alto Uruguay, de 4 pés de calado, marcha de 8 a 9 milhas, e para montar duas peças de 9 centímetros de calibre, em rolo, uma avaria e outra a ré, abrangidas por chapas do aço dos projectis das metralhadoras, etc., etc. »

As dimensões e dados principais destas canhoneiras, o das que se acham em construção e que brevemente serão lançadas ao mar, afim de completar o numero requisitado no mesmo programma, são as seguintes:

Comprimento entre PP.	35,00 metros
Idem extremo	37,00 »
Boca extrema	7,88 »
Ponta	2,11 »
Calado	1,25 »
Deslocamento	2,10 tonel.

Força efectiva da machina 200 cavallos. Velocidade esperada 8 a 9 milhas. Montam as mesmas canhoneiras duas canhões do systema Armstrong, novo modelo, de 12 centímetros de calibre, em rolo, a proa, em lugar dos 9 centímetros, como foi indicado no referido programma do conselho naval, e 2 metralhadoras de calibre de 25 millímetros do systema Nordenfeli.

O casco destes navios é todo de aço Krupp, tendo sido a materia prima para a construção encomendada áquella fabrica conforme os planos organizados pelo capitão tenente João Candido Brasil, director das construções navaes do arsenal de marinha.

As machinas construidas sob os planos do capitão-tenente Manoel José Alves Barbosa, director de machinas do mesmo systema Compant e condensadores de superficie, devendo desenvolver, como acima ficou dito, a força colectiva de 200 cavallos.

A « Camocim » é mastreada a hiato e forrada exteriormente do madeira e latão; tem acomodações á ré para o commandante e seis officiaes e á proa para cinco inferiores e cinco machinistas; possua paizes podendo accommodar mantimentos para 50 praças em 30 dias de viagem e carvão para quatro dias a toda força.

Finalmente, das duas canhoneiras, a « Camocim » será lançada com fogos accesos e prompta a entrar em serviço, devendo logo depois receber o seu armamento afim de reunir-se á esquadra. Quando noticiarmos o lançamento das duas canhoneiras, seremos mais minuciosos quanto á sua subvissão interna e ao systema do seu armamento.

Manifestaremos também a nossa opinião a respeito deste tipo de canhoneiras e da espessura do suas chapas, que podemos desde já adiantar, deixam muito a desejar.

O gaz

Está danollogar a difficuldade a entrega do material da companhia ingleza á nova empresa belga da iluminação a gaz do Rio de Janeiro.

Esta pado que se faça verificar por uma commissão alheio o inventario do material que tem de pagar; e, apesar de lhe facultar o contrato o direito de entrar com o dinheiro para o thesouro depois de estar de posse do tudo, está prompta a realizar a entrega, logo que, feita a mencionada verificação, se lhe entregue a usina e material existente.

Por seu lado, a companhia ingleza quer ser indemnizada antes da entrega, e não parece disposta a permitir a entrada de quem quer que seja, em seu estabelecimento.

Houve uma longa conferencia entre o Sr. ministro da agricultura, o Sr. Hermann, gerente da companhia ingleza, o Sr. El. Pêcher, representante da com-

panhia belga; não se chegou, porém, a accordo.

O pior de tudo isto é que, diz um collega illuminado, enquanto se debate a questão, governo e publico estão pagando mais caro, a companhia ingleza, o gaz que a nova empresa lhe tem de fornecer mais barato.

ACTUALIDADE

Relações Internacionais

Algumas palavras proferidas no parlamento brasileiro com referencia ás relações entre o Imperio e a Republica Argentina, e particularmente ao litigio derivado da questão da limites entre os dois Estados, ecoaram, como era natural, na imprensa de Buenos Ayres, e deram lugar a algumas manifestações, de que devemos tomar nota.

Como sabem os nossos leitores, essa questão da limites, ou mais vulgarmente a questão do territorio das Missões, é já antiga e se tem mantido, com varias alternativas, no terreno da discussão diplomatica, sem se ter chegado a nenhuma solução definitiva.

Nas relações do Imperio com a Republica Argentina, essa tem sido a unica questão verdadeiramente grave, a qual infelizmente tem substituido, se não como uma ameaça permanente á paz ou boa amizade entre os dois povos vizinhos, ao menos como um impedimento diplomatico, que tem retardado e consideravelmente a solução de um assumpto que interessa vitalmente mais ao Brasil do que á Republica Argentina.

Dessa litigio internacional temos-nos occupado mais de uma vez nestas columnas, e os nossos leitores se recordarão do que nessa como em todas as questões internacionais, pugnamos, como sempre havemos pugnado, pelos interesses da paz, abstrahindo do fanatismo patriótico e de ciúmes o rivalidade que só nos podem conduzir á guerra, isto é, á mútua recíproca dos dois paizes, seja qual delles o vencedor ou o vencido.

Quando ha pouco tempo ajustou-se em Buenos Ayres o tratado provisório, que veio a ser celebrado e ratificado para o fim de enviar-se á zona do territorio conquistado uma commissão mista que reconhecesse o terreno, discriminasse os rios desconhecidos ou cujos nomes se dizem trocados, e bem assim levantasse a planta de toda a zona litigada, applaudimos esse bom accordo dos dois governos como um acto auspicioso, sobretudo por demonstrar, de parte a parte uma louvavel tendencia para retirar a questão do terreno sempre escoregado dos protocolos e das conferencias diplomaticas, principalmente quando mediam entre os contestantes as desconfianças e as suspeitas que embargam a boa fe reciproca e cream uma situação melindrosa, facil de terminar por um rompimento formal.

Felizmente vemos que, tanto no Brasil como na Republica Argentina, esse acto preliminar está lealmente accetado como um expediente legal, para se poder chegar, de um lado e do outro, a uma solução equitativa, quando não restrictamente accetado com os principios da jurisprudence internacional e com os direitos tradicionais, allegados por ambas as partes litigantes.

Dessa bom espirito acabamos de ter a prova, lendo o artigo que a Tribuna Nacional acaba de dedicar a esse assumpto, referindo-se ao recente debate da nossa camara temporaria.

Depois de reproduzir uma parte do discurso proferido pelo Sr. Alfonso Celso Junior, diz o organo do general Roca: « Recordando os largos e antigos debates que se tem mantido entre o Brasil e a Republica Argentina sobre esta questão secular e as instruções que foram parte do tratado celebrado entre ambos os paizes para o reconhecimento do territorio que limitam o territorio litigioso, instruções pelas quaes se tem podido salvar toda a difficuldade na terminação do litigio internacional, devem causar verdadeira estranheza as declarações do Sr. deputado e as duvidas que

ciso explorar Paris e encontrar o tal Oscar Rigault, que provavelmente não deu o seu verdadeiro nome. . . Tenho razões para acreditar que o proprio assassino se denunciaria. O homem que, da mais profunda miseria, passa a uma opulencia relativa, o homem que, não tendo com que jantar ha dois dias, possui hoje trezentos e cincoenta mil francos, não resisto á sede dos prazeres, que o dovara e trabalhos pelas despesas loucas que faz.

—A escoria de Paris passará pelo crivo. . . replicou o chefe da segurança.

O empregado do caminho de ferro annunciou que um carro pertencente ao serviço da Morgue acabava de chegar, para lavar o corpo.

Os magistrados fizeram transportar o cadaver na sua presença, e depois deixaram a estação do caminho de ferro do Lyon.

Angela Bernier, logo que recebeu do substituto a asseveração de que ella estava livre, tinha corrido para um dos vagões do trem, que, dirigindo-se para Marselha, ia conduzi-la a Saint-Julien-du-Sault.

Todas as commoções que sentira, todos os abalos que experimentara, desde pela manhã e aos quaes nós sabíamos que tinha resistido com energia sobre-humana, tornavam agora a sua desforra, esmagavam-na e aniquilavam-na.

Em poucas horas, quantos acontecimentos terriveis e imprevisos se tinham succedido com fulminante rapidez.

O pensamento ia-lhe de um para ou-

EXTERIOR

A expulsão dos príncipes

Todos os periodicos do Paris inseriam longos artigos relativamente á expulsão dos príncipes.

Do um dos jornais mais bem informados, o que refere o caso mais circumstanciadamente, transcrevemos o seguinte:

Entre as 3 e 9 horas da noite foi que o conde e a condessa do Paris, cercados da sua familia, souberam do voto do senado.

Já disse antes, chegavam pelo correio o pelo telegrapho manifestações de profunda sympathia; e a proporção que se aproximava o dia da votação, iam chegando os amigos, que queriam pela ultima vez saudar o chefe da casa do Príncipe, antes da sua partida para o exilio.

O duque de Chartres e o filho mais velho estavam no castello d'Eu, onde chegaram também o príncipe do Joinville. O duque de Anjou chegou no momento em que no senado se discutia a lei da expulsão.

Depois de jantar—um jantar da familia, ao qual assistiam apenas alguns amigos intimos—o conde do Paris dirigiu-se com a familia e convidados para uma grande bibliotheca, situada na extremidade do castello.

No meio da sala ha uma grande mesa octogona, cercada de canceles e de poltronas. Foi na bibliotheca que o conde do Paris recebeu todos os telegrammas da discussão da lei. Quando chegou o ultimo, o conde do Paris leu o em voz alta e com um tom solenne, a todos os membros da sua familia e a alguns amigos, que tinham ficado no castello.

Esta scena deixou uma impressão perduravel em todas as pessoas que a ella assistiram.

O conde e a condessa do Paris, bastante commovidos, mas firmes, dirigiram algumas palavras de coragem ás pessoas da familia, que, com a noticia, cahiram n'um grande abatimento. O conde do Paris, lido o telegramma, foi sentar-se entre os seus dous fillos, o duque do Anjou e o príncipe do Joinville, tendo em frente de si o irmão, o duque de Chartres. Apartando reconhecidamente a mão do duque do Anjou, agradeceu-lhe aquella prova do affecto sympathia, que acabava de lhe dar, agradecendo em seguida com a mesma commoção no principio do Joinville ao duque do Chartres.

Esta bibliotheca, muito simples e bo-

tro, provocando nella um desvalramento facil de comprehender-se.

Emma Rosa, sua filha adorada, tudo quanto ella amava neste mundo, forda o talvez moribunda.

Jayne Bernier, seu pai, morto pela faca do assassino e trazendo ainda essa faca cravada no peito.

Fernando de Rodyl, o autor da sua indolente vergonha, o seu seductor, o seu unico amante, encontrava-se do repente em face della, depois de terem decorrido dezesseis annos.

Finalmente, essas abominaveis suspensas, essas suspensas de parriedio que, por instantes, sentiu pesar sobre ella. Havia alli, sem contradicção, mais do que era necessário para anular o cerebro o mais solido.

Sozinha n'um compartimento da primeira classe, a bella hermanaria não continuou consigo mesma uma luta inutil.

Occultando o rosto nas mãos, entregou-se passivamente á posturação desesperada, que se apoderava della e desatou em soluços.

Nunca soffrimentos haviam sido maiores, mais pungentes e mais mercedos do que os seus.

—Meu Deus, Senhor meu Deus! balbuciava ella, enquanto que grossas lagrimas lhe corriam por entre os dedos, que nova desgraça me rasga a alma, supor! . . . Só ha uma, que possa aliviar-me, mas a essa não posso sobreviver; não, não, não! minha filha, minha filha, quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

Quando chegar! . . .

